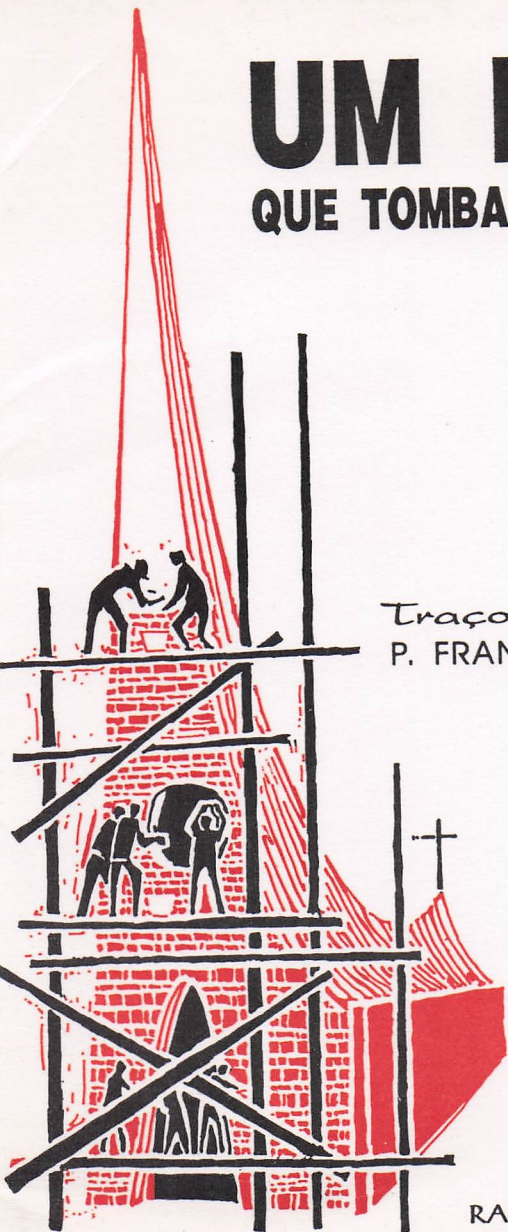


UM HERÓI QUE TOMBA NO TRABALHO



Traços biográficos do
P. FRANCISCO GONÇALVES

RALFY MENDES DE OLIVEIRA

A Don Fiora,
un felice 1992.

P. Ruffini

UM HERÓI QUE TOMBA NO TRABALHO

**Traços biográficos do
Padre FRANCISCO GONÇALVES**

RALFY MENDES DE OLIVEIRA

*Publicação da
Cia. de Fiação e Tecidos
Cedro e Cachoeira S.A. (R. CAD 11.10.91)
Rua Paraíba, 337
(30.130) Belo Horizonte, MG
PABX (031) 273-5011 - Telèx (031) 1006 -
Fax (031) 222-6509*

**Condensado do livro *Amor, alegria, sacrifício*, 260 p.
(E.D.B.1951, Belo Horizonte, MG) do mesmo autor.**

Composto e impresso por
ISJB - Obras Profissionais Santa Rosa
Rua Santa Rosa, 207
(24.240) - Niterói - RJ
Tel.: (021) 714-5712
1991

APRESENTAÇÃO

O GTAS - "Grupo de Trabalho de Acompanhamento de Sucessores", criado pelo Conselho de Administração da Cia. de Fiação e Tecidos Cedro e Cachoeira, empresa familiar, tem o prazer de apresentar aos jovens acionistas que estão sendo preparados para futuros dirigentes da empresa o presente livro que retrata sucintamente a vida e a obra de um membro da grande família Mascarenhas, de todos os modos laboriosa e pioneira da indústria têxtil em Minas Gerais.

Trata-se de um exemplo edificante de luta no trabalho: a vida do Padre Francisco Gonçalves, neto paterno de Antônio Pinto Mascarenhas, este filho do casal Antônio Gonçalves da Silva Mascarenhas e Policena Moreira Mascarenhas, progenitores dos principais fundadores da Cia. Cedro e Cachoeira que, em 1883, foi constituída pela fusão das duas fábricas de tecidos, independentes e dos Mascarenhas: a Fábrica do Cedro (1872 e a Fábrica da Cachoeira (1876).

A razão deste pequeno livro, para os jovens da família e de interesse para muitos que conheceram o biografado, é mostrar que a forma de vida no trabalho abnegado - costume arraigado no sangue dos Mascarenhas - é e sempre será o melhor meio de se chegar à dignidade humana em qualquer tipo de atividade, a começar pela mais difícil - o sacerdócio, no seu aspecto espiritual e no material.

Esta é uma vida de trabalho a serviço de Deus. Outros opúsculos deverão vir a lume, para divulgação dos exemplos de trabalhos, das vidas de outros membros da família, a serviço dos homens.

Belo Horizonte, 11 de outubro de 1991.

Os Membros do GTAS

Jakson Maria Lopes Cançado

Emmanuel Augusto Haas

Estevam Rodrigo de Mascarenhas e Magalhães

Antônio de Pádua Vianna Clementino

Foi assim que começou

Um padre salesiano, com vinte e oito anos de idade e apenas um ano de ministério sacerdotal vivido nas Escolas Dom Bosco de Cachoeira do Campo (município de Ouro Preto, MG), chegou a São João del Rei na noite de 19 de dezembro de 1939.

Seu nome, Francisco Gonçalves de Oliveira. Objetivo da viagem, iniciar a obra salesiana naquela cidade mineira.

Na época, São João del Rei não tinha mais que 27 mil habitantes. Distinguia-se porém por seu papel na história de Minas e do Brasil, pela religiosidade de seu povo e o dinamismo de suas fábricas de tecido.

O padre veio acompanhado do jovem Aldo Maia. Após terem pernoitado em Barbacena, na residência da família Piacesse, os dois, pelo trem da Rede Mineira de Viação (RMV), chegaram a São João del Rei nas primeiras horas da noite de 19 de dezembro.

Trazia o padre uma carta de apresentação ao Sr. José do Nascimento Teixeira, ex-prefeito da cidade, grande admirador das Obras de Dom Bosco, pai de dois salesianos. Este senhor queria muito bem aos filhos de Dom Bosco. Pode-se dizer que o trabalho vocacional salesiano, em São João del Rei, começou em sua casa, na rua da Prata. Era lá que, nos anos

anteriores, se reuniam meninos e jovens que se encaminhavam para a casa de formação salesiana (aspirantado) de Lavrinhas, SP.

P. Francisco sentiu-se à vontade na presença do Sr. Nascimento, de quem ouviu as palavras de acolhida: "o senhor ficará morando aqui em casa até que fique pronta a casa salesiana."

No dia seguinte, 20 de dezembro, o padre, depois de celebrar a missa na capela dos franciscanos, foi conhecer a casa em que se instalaria o novo aspirantado salesiano. Era um antigo casarão da Avenida Leite de Castro, por onde passava o trem da RMV, rumo a Lavras e Sul de Minas.

Do grande portão de entrada até a casa, havia um campo, ou melhor, um brejo. Em volta da casa, água e barro. Foi preciso ajeitar algumas pedras, aqui e ali, para que se pudesse entrar na antiga construção.

Ativaram-se logo os trabalhos de reforma, para o que não faltou o apoio do cônego Francisco Tortoriello, responsável pela paróquia de São João Bosco, recentemente criada.

Para poder acompanhar as obras de perto, e também colaborar na paróquia, P. Francisco, até então na casa do Sr. Nascimento, passou a residir no Albergue Santo Antônio, das Irmãs Carmelitas da Divina Providência, cuja capela funcionava como matriz provisória. Ainda estava em construção a igreja de São João Bosco.

Só no princípio de fevereiro de 1940 pôde ele fixar residência naquele que então se chamaria Colégio São João, casa de formação onde meninos e jovens, candidatos à vida salesiana, faziam o chamado "curso de admissão", em preparação para o ginásio.

Dor de dente e economia

Nos primeiros dias após a chegada, P. Francisco sentiu dor de dente. Foi ao dentista. Este examinou-lhe os dentes, constatando que dois deles exigiam tratamento. Não querendo gastar o pouco dinheiro que trazia no bolso (em vista de futuras despesas), o padre, antes de entregar-se aos cuidados do doutor, perguntou-lhe:

- Por quanto fica o tratamento dos dois dentes?

A resposta foi:

- Para o dente da esquerda, o senhor não precisa pagar; é um trabalho insignificante. Mas para o da direita é.... (e disse a quantia).

P. Francisco retrucou:

- Neste caso, o senhor trate só do dente da esquerda....

O dentista sorriu. Fez o tratamento completo e - o que é mais importante - ficaram amigos.

Enquanto não podia ocupar a casa da Avenida Leite de Castro, o padre, apoiado pelo entusiasmo juvenil de seu ajudante, começou a reunir meninos no espaço que havia entre a capela do Albergue e a matriz em construção. Destes primeiros encontros de divertimento e catequese foi surgindo, pouco a pouco, o Oratório Festivo que, logo depois, tomaria corpo ao lado do Aspirantado.

No início do ano letivo, seu ajudante transferiu-se para Ponte Nova. Mas P. Francisco não ficou sozinho. O Inspetor salesiano, P. Orlando Chaves, mandou-lhe o P. Sidrac Valarino que estava a serviço do

arcebispado de Mariana, e ainda o clérigo Emílio Pedro e o salesiano coadjutor Antônio Firmiano Santana.

Os alunos internos, que começaram a chegar em fevereiro, encontraram o trabalho educativo dos salesianos bem ordenado. Valarino, como confessor, exercia função espiritual, perdoando pecados e distribuindo bons conselhos. Santana, hábil cozinheiro, ajudado por D^a Maria Freitas, cuidava do corpo, preparando sadia alimentação. Emílio zelava pelos estudos e a disciplina. P. Francisco, como diretor, coordenava e animava o trabalho de todos, dedicando-se inteiramente aos jovens, com firmeza e bondade, conforme a pedagogia de Dom Bosco e sob o olhar materno de N. Senhora Auxiliadora.

Um "menino de ouro"

Francisco nasceu a 21 de fevereiro de 1911 na propriedade agrícola Campo Belo, naquele tempo distrito de Prudente de Moraes e município de Matosinhos, Minas Gerais.

Seus pais, Francisco Gonçalves Mascarenhas e Maria José de Oliveira, católicos fervorosos, o levaram à pia batismal da matriz de Matosinhos onde, no dia 14 de abril recebeu as águas regeneradoras do Batismo.

Pouco tempo depois a família passou a residir no arraial de Capim Branco, sede de um dos distritos pertencentes, na época, ao município de Santa Luzia. Capim Branco situa-se a uns setenta quilômetros

de Belo Horizonte e apenas três de Periperi, estação preferida pelos habitantes do arraial para suas locomoções de produtos pecuários e agrícolas.

A estrada que vai da estação de Periperi ao arraial contorna uma aprazível colina, descrevendo um semi-círculo que termina na Fazenda Capim Branco.

No declínio da colina estavam plantadas umas 250 ou 300 casas, algumas mais ou menos em alinhamento, e a maioria delas desordenadamente, dando, a quem as via de longe, a idéia de um acampamento de soldados.

A população do arraial era de gente muito simples, humildes trabalhadores. Mas gente de bons princípios religiosos e bastante laboriosa.

Na parte mais elevada do arraial, como na maioria dos povoados mineiros, via-se o cemitério, tendo na frente um cruzeiro de 12 metros de altura.

Dessa cruz parte, em linha reta, a rua principal, em cuja extremidade está localizada a capelinha onde o piedoso vigário, P. Francisco Chaves, residente em Matosinhos, vinha, uma vez por mês, celebrar a Missa.

Exatamente em frente a essa capelinha encontrase uma casa comercial, a melhor da localidade, pertencente ao Sr. Francisco Gonçalves Mascarenhas, homem extremamente bondoso e justo, no dizer de seus contemporâneos. O negociante devia ter pouco mais de trinta anos. Era portador de alguma cultura geral mas tinha pouca saúde.

Era casado com Da. Mariquinhas (nome familiar de Da. Maria José), senhora de virtudes modelares, de muita piedade e grande amor ao trabalho. O casal teve cinco filhos: José,

Antônio, Francisco, e duas meninas: Nair e Maria Rosa.

A primeira infância de Francisco corria normalmente. Ele era um pouco franzino, mas vivo e muito dócil.

Desde cedo a mãe foi-lhe infiltrando no coração os bons sentimentos que, mais tarde, o fariam tão maleável às mãos dos educadores, na escola. Era submisso, obediente: um "menino de ouro" como diziam os habitantes do arraial.

Órfão aos cinco anos

Quando estava com cinco anos sofreu um abalo que lhe havia de ser como uma ferida no coração ainda tão tenro. Certas impressões são como as feridas feitas nas cascas delicadas das árvores novas. A árvore cresce, envelhece, e a ferida cresce e se engrossa com ela.

Esta impressão que o menino recebia aos cinco anos, a da morte do pai que o Senhor levou para si aos 29 de novembro de 1916, foi, na verdade, uma ferida que lhe ficou impressa no coração e que com ele cresceu. Mas não cresceu para despertar sentimentos de revolta ou rancor. À proporção que os anos passavam, esta impressão crescia para torná-lo sempre mais amigo, mais dedicado, mais pronto a socorrer aqueles que, como ele, experimentaram a triste sorte da orfandade.

Como a Dom Bosco, o Senhor o fazia experimentar esta dor na infância para que, mais tarde, soubesse avaliá-la no próximo e se sentisse levado a dizer-lhe a palavra carinhosa de conforto e ânimo, a ministrar os cuidados de pai aos que não tinham pai.

Vida escolar

1919. Com oito anos, Francisco entrou para a escola local onde lecionava o sr. Francisco Teixeira, professor de 25 anos, casado, estudioso, que se esmerava na instrução e educação dos alunos.

Este bom mestre sempre dedicou a Francisco uma sólida amizade. Embora nunca mais se tivessem encontrado nos anos seguintes, continuaram, como bons amigos, a trocar cartas atenciosas.

Em 1920, Da. Mariquinhas retirou-se de Capim Branco. Os bens do marido, que por generosidade dera tudo ao povo, foram hipotecados. Ela foi morar no sítio do Barreiro, antiga propriedade de seus pais, com as duas filhas menores e um irmão.

No Barreiro, esta mãe corajosa dedicou-se à lavoura e, com heroísmo invejável, criou e educou os cinco filhos. Conseguiu lugares gratuitos para José e Antônio nas Escolas Dom Bosco, de Cachoeira do Campo. Para completar o curso primário, Francisco ficou morando com a avó, podendo assim frequentar o Grupo escolar de Prudente de Moraes.

Longe da mãe, o menino vivia pensando nela. E era

com alvoroço que, todos os sábados, ao entardecer, voltava ao sítio do Barreiro para passar o domingo com ela e as irmãs.

Sabia agradecer a mãe com mil carícias. Dizia-lhe até, com orgulho infantil: "Mamãe, quero estudar muito para conseguir, quando crescer, um bom emprego e ajudá-la para poder educar as irmãzinhas".

Férias no sítio

No Grupo Escolar, Francisco se distinguiu nos estudos e procedimento. Nos dias de festa cívica, nos teatrinhos escolares, era sempre lembrado para um discurso ou para recitar poesia. Os gestos sóbrios e o olhar penetrante davam-lhe uma seriedade superior à sua idade. Esse conjunto, unido ao procedimento irrepreensível, fazia com que ele adquirisse notável ascendência sobre os companheiros.

Os irmãos mais crescidos nunca ouviram de sua boca uma palavra menos conveniente que, de leve, ofendesse a moral.

Quando os três meninos vinham para as férias do fim do ano, reuniam-se em casa, no sítio. Entregavam-se então alegremente aos divertimentos que consistiam, quase sempre, em andar a cavalo e pegar passarinhos.

Aos onze anos Francisco já parecia um juvenzinho ajuizado, gentil no trato, capaz de cativar amigadas.

Depressa, um cavalo!

No sítio do Barreiro costumava levantar-se bem cedo para dedicar-se aos pequenos afazeres, tratar das galinhas e dos porcos, buscar as vacas para a ordenha e debulhar o milho.

Quando o tio queria um cavalo às pressas, bastava recomendar a Francisco. De pouco tempo ele precisava para apanhar o cabresto, correr ao pasto e voltar montado em pelo no animal.

Os irmãos diziam que ele não sabia ficar desocupado; tinha vocação para o trabalho. Seu irmão José conta: "Eu me lembro muito bem que, às vezes, eu e o mano Antônio ficávamos reclamando quando recebíamos uma ordem: varrer o terreiro, apanhar lenha. Em vista da presteza de Francisco, que era mais novo, tínhamos que apressar o passo para não fazer feio".

Oração sem beliscão

Depois de sua primeira Comunhão Eucarística, Francisco tornou-se mais reflexivo, mais recolhido. Percebeu que Jesus lhe havia marcado um lugar à sua mesa. Este lugar, logo que as circunstâncias o permitam, ele irá ocupar todos os dias para o colóquio com o Divino Amigo, e alimentar-se com o Pão da Vida.

Inteligente como era e curioso pelas coisas de

Deus, interessou-se logo por tudo aquilo que lhe era ministrado na catequese.

Há uma cena familiar destes tempos que os irmãos nunca esqueceram. Um deles assim descreve: "Minha avó materna gostava de rezar um terço comprido, com umas invocações antigas, longas, que faziam a gente cochilar. Francisco sentava-se sempre ao lado dela, segurando seu tercinho de contas vistosas, e não ganhava os terríveis beliscões da velha, como nós outros que perdíamos o fio da meada...".

Em frente ao Grupo Escolar de Prudente de Moraes ergue-se um altaneiro e copado cedro plantado, no Dia da Árvore, pelas mãos do melhor aluno da classe, Francisco Gonçalves.

Esta árvore frondosa é bem o símbolo desta alma gigante que ora contemplamos no alvorecer da vida. Vem à mente a passagem das Sagradas Escrituras: "o justo crescerá como o cedro do Líbano" (Sl 91, 13).

O melhor capitão esportivo

Em 1922 Francisco terminava brilhantemente o curso primário em Prudente de Moraes. A mãe conseguiu para ele um lugar nas Escolas Dom Bosco, com a vaga do irmão José que, desejoso de ser padre, partiu para o Aspirantado de Lavrinhas.

Em fevereiro de 1923, com doze anos, Francisco entrava pela primeira vez numa escola salesiana. Novo ambiente, novos estudos, novos mestres, novos amigos, vida nova.

Afeiçoado que era, doía-lhe um pouco ficar longe da mãe, da avó e das irmãzinhas mas... era preciso fazer como os irmãos e conformar-se com o internato.

A franqueza e a bondade dos salesianos, a alegria dos companheiros, alguns conselhos que lhe deu seu irmão Antônio que lá estava puseram-no logo à vontade.

O novo ambiente lhe proporcionava um verdadeiro despertar para tudo que a vida encerra de mais nobre, bonito e santo. Ali, em seu primeiro ano, progrediu rapidamente, habituado como estava à disciplina do lar materno. De coração bondoso, afeiçoou-se logo aos mestres e colegas.

Nos recreios era considerado o animador dos esportes. Para uma partida de futebol, Francisco era logo apontado como o melhor organizador. Num instante trazia as camisas de cores vivas, as distribuía com os jogadores, punha o time em campo, escolhia alguém para apitar e, dentro de pouco tempo, a bola saltava no ar em meio à mais expansiva alegria. Quando não havia esporte, gostava de dar alguns passos e conversar com os salesianos, pelo pátio. Sua prosa era simples, amigável. Era curioso. Fazia perguntas e ouvia atentamente para aprender sempre mais.

Além do esporte, gostava de música. Participou da banda de música escolar, tocando sax e, mais tarde, clarineta.

Um segredo! Só mamãe pode saber.

No final de 1924, com quase catorze anos,

Francisco foi passar as férias em casa. Da. Mariquinhas ficou admirada diante das vistosas medalhas que ele conseguira na escola. Eram os prêmios que obtivera em procedimento, instrução religiosa, trabalho, música, declamação e pontualidade.

Ele tinha também um segredo a lhe confiar. Chamou-a a um canto do quarto e aí, onde ninguém os via nem ouvia, disse-lhe:

- Mamãe, tenho um segredo para a senhora. Quando eu era pequeno disse que arranjaría mais tarde um bom emprego para ajudar a senhora e as irmãs. Mas, nestes dois anos, pensei um pouco e estou achando que Deus me chama para outra coisa. Estou com vontade de ser padre. Quero que a senhora me deixe ir estudar em Lavrinhas.

O menino falou com simplicidade e havia tanta sinceridade em sua voz que ela não quis interrompê-lo. Disse-lhe em seguida, com calma e firmeza:

- Meu filho, é possível que seja esta a vontade de Deus, mas não posso permitir que você vá para Lavrinhas antes de completar os estudos em Cachoeira do Campo. Você não tem muita saúde, talvez lá não se dê bem com o clima e com os estudos e, se tiver de voltar mais tarde, poderá perder o lugar nas Escolas Dom Bosco.

Tristonho, ele abaixou a cabeça. Queria insistir, expor outras razões, mas não podia. Não costumava discutir com sua mãe.

Mas uma nova etapa começava para ele. Um ideal, qual estrela da manhã, despontava e começava a iluminar o horizonte de sua vida. Era a vocação.

Aos pés da Auxiliadora

Terminadas as férias, Francisco voltou para Cachoeira do Campo disposto a redobrar esforços para alcançar o ideal.

Embora ainda estivesse com catorze anos, já era capaz de compreender o significado da vocação sacerdotal e do que essencialmente se requer para merecê-la: um coração puro.

Foi com estes pensamentos, e movido pelo amor que trazia no coração adolescente, que ele, no dia 3 de abril de 1925, entrou na capela, ajoelhou-se diante do altar de N. Senhora Auxiliadora e pronunciou, pela primeira vez, um voto de castidade.

Era a oferta espontânea, generosa de todos os seus afetos. Entregava-se ao Senhor, pelas mãos da Virgem Maria, prometendo viver, daí em diante, inteiramente para Ele. Para fazer este voto tinha certamente permissão de seu diretor espiritual.

Para conservar na memória a data significativa, deixou escrito em seu caderninho particular: "Cachoeira do Campo, 3 de abril de 1925 - Dia da minha primeira promessa (Voto de castidade)". Lê-se em seguida: "Renovei dia 17 de fevereiro (certamente no ano seguinte, 1926) até 31 de março (Páscoa de 1927).

Gritos e correria. "É o capeta!"

No fim de 1925 partia novamente para as férias,

tendo obtido prêmios de instrução religiosa, procedimento, estudo, pontualidade, música, declamação e prêmio especial de trabalho.

Ele e o irmão, tendo representado em Cachoeira do Campo a peça teatral "Satan", quiseram dar um espetáculo para o povo, no arraial. Francisco seria o Anjo, Antônio o ladrão, e o outro irmão José seria o Demônio.

Conta Antônio que a representação prosseguia calma, parecendo agradar a todos. Mas, quando entrou em cena o "capeta", soprando fogo e enchendo o palco de fumaça, foi enorme o susto. Homens e mulheres gritavam. Crianças choravam. Muitos corriam sem compreender o que estava acontecendo.

Nestas férias Francisco aproveitou o tempo para andar a cavalo, ajudar o tio nos serviços da lavoura. Iniciou também uma pequena criação de bicho da seda.

No princípio do ano seguinte, 1926, voltou à Cachoeira para cursar o 1º ano de agronomia, disposto a redobrar esforços para seguir a vocação que sentia cada vez mais viva.

Um cavaleiro de roupa preta

Os dias das férias de verão passavam rapidamente, entre trabalhos e divertimentos.

Os meninos, com Da. Mariquinhas, foram passar uns dias na casa da avó, perto da estrada de Sete Lagoas.

Estavam todos à frente da casa, numa tarde tranquila de janeiro, quando divisaram, ao longe, no trilho que contorna o morro, um vulto de roupa preta que cavalgava na direção deles. Quem será?

Francisco foi o primeiro a reconhecer. E, desconfiando do motivo da visita, gritou alegre:

- É P. Alcides Lana!

O padre havia desembarcado na estação de Prudente de Moraes. Daí pegou o cavalo e, por encostas e vales, foi até o sítio do Barreiro, onde esperava encontrar a família do menino. Lá chegando, tem uma decepção. O tio lhe diz que estavam todos na casa da avó. Mais um trecho a cavalo e, finalmente, ali está ele.

Depois de cumprimentá-los, P. Alcides, sempre franco, foi dizendo:

- Sabe, Da. Mariquinhas, o que vim fazer aqui? Vim buscar o nosso Francisco e levá-lo para Lavrinhas. Vamos fazer dele um padre salesiano.

Francisco ouvia atentamente o fraseado espontâneo do padre. Já havia conversado muitas vezes com ele em Cachoeira do Campo.

A mãe e as irmãs começaram a chorar. Da. Mariquinhas temia que Francisco não se desse bem de saúde em Lavrinhas, como aconteceu ao irmão, e, não podendo ficar, perderia o lugar gratuito em Cachoeira do Campo. Dirigiu-se então ao padre:

- Não é possível! Ele é o mais novo; tem que cuidar das irmãs.

Entre sério e brincalhão, continuou P. Alcides:

- Não há razões que me façam desistir.
- E quem cuidará das meninas?
- Deus, N. Senhora Auxiliadora e Dom Bosco.

- Mas, P. Alcides, não é possível!

- É possível e ele irá. As meninas irão para o Colégio das Irmãs, de Cachoeira do Campo. A senhora também irá para lá, se quiser, e fará alguma coisa ajudando as Irmãs. A senhora não pode se opor à vontade de Deus...

Os argumentos da boa mãe caíram por terra. O padre falava com tanta convicção que ela já não podia duvidar, diante do tom "profético", que se tratasse realmente da vontade de Deus. Ficou decidido que o menino iria mesmo para Lavrinhas.

Novo ambiente, novas amizades

Lavrinhas naquele tempo era uma pequena vila do Estado de São Paulo, distante sete quilômetros de Cruzeiro.

O Ginásio São Manuel, afastado uns 500 metros da estação ferroviária, era a casa destinada a receber meninos e jovens desejosos de abraçar a vida salesiana. O edifício fora construído na encosta de um morro cujos contrafortes, do lado sul, são banhados pelas águas encachoeiradas do rio Paraíba.

Francisco, já aluno exemplar em Cachoeira do Campo, não teve dificuldade em ambientar-se no Aspirantado. Procurou esforçar-se mais nos estudos, particularmente do latim, e nas práticas religiosas.

Em pouco tempo ele já era o aspirante exemplar, estimado de todos os superiores e colegas, estudioso

e alegre. Sendo dotado de qualidades oratórias, os superiores o faziam subir frequentemente ao palco para as representações teatrais ou para declamar poesias.

Em fins de 1928, já às portas do Noviciado, seu diretor lhe dava, em resposta de uma cartinha, uma estampa de Nossa Senhora, em cujo verso escrevera: "Continua como até agora no cumprimento de teus deveres e Dom Bosco te aceitará como seu filho". Estas palavras muito o confortaram e encheram de esperança.

Estava prestes a terminar a primeira prova, o aspirantado. Na avaliação ou escrutínio para a admissão dos candidatos ao noviciado, os superiores do Aspirantado de Lavrinhas deram dele a seguinte opinião em 11 de dezembro de 1928: "bom, piedoso, inteligente, gosta de estudar".

"Tratarei meus companheiros como irmãos"

Em 1929 o Noviciado salesiano da Inspeção de Maria Auxiliadora funcionava aí mesmo em Lavrinhas, ao lado do Aspirantado. Francisco ia agora aprender a ser salesiano.

Sem perda de tempo. no dia em que começou o retiro espiritual de entrada, fez dois propósitos. O primeiro, com referência ao superior: "Procurarei praticar todos os conselhos de meu mestre". O segundo, relacionado com os noviços: "Tratarei os meus companheiros como irmãos".

No dia 28 de janeiro, terminado o retiro espiritual, ia ele alcançar um dos seus ideais: receber a batina.

As impressões que guardou deste dia estão escritas em seu caderninho: "Não sei dizer nem escrever as consoladoras e suaves emoções que experimentei neste memorável dia em que recebi a batina. Peço-vos, ó meu Deus, me concedais a graça de que eu morra antes que abandone este sagrado hábito".

"Só quero viver para Vós"

28 de janeiro de 1930. Chegou o dia da profissão religiosa, véspera da festa de S. Francisco de Sales (no antigo calendário), patrono da Congregação Salesiana.

Neste dia de paraíso em que Francisco parecia estar mais no Céu que na terra, escreveu em seu diário:

"Agora, meu amado Jesus, sou todo vosso: corpo e alma. Vossos e para Vós são, portanto, todos os meus pensamentos, afetos e atos. Só quero viver para Vós".

E dirigindo-se a Maria, escreveu:

"Virgem Santíssima, foi por vossas mãos puríssimas que neste dia feliz me ofereci em sacrifício a Jesus. Ajudai-me, pois, Mãe querida a ser realmente uma hóstia de amor e sacrifício".

Recomendou-se também ao Santo Fundador com estas palavras:

"Amado pai Dom Bosco: embora indigno, sou agora vosso filho. Protegei-me, querido pai, alcançai-me a graça de ser vosso verdadeiro filho, de ser um santo salesiano".

Ele ia agora, com generosidade e humildade, prosseguir no caminho da perfeição religiosa, na vereda dos justos que, no dizer das Sagradas Letras, "é como uma luz resplandescente que aumenta de brilho mais e mais até o dia perfeito" (**Prov 4,18**).

Alegria de servir

No segundo ano do curso de Filosofia, Francisco foi escolhido para ser catequista no Oratório Festivo. Foi aí que ele pôde, pela primeira vez, dar expansão ao seu zelo. Podia agora fazer chegar às crianças e aos jovens um pouco do amor que ardia em seu coração. Tinha necessidade disto e exultou quando lhe confiaram esta tarefa.

Era com imensa alegria que, aos domingos, bem cedo, com mais dois clérigos, ia ao Oratório Festivo de Queluz ou de Cruzeiro. Gostava de preparar os meninos para a Comunhão Eucarística. Encorajava-os à comunhão frequente.

No fim de 1931, com vinte anos, terminava o curso de Filosofia com as melhores notas, deixando nos superiores as mais lisonjeiras esperanças sobre suas futuras atividades.

No ano seguinte, os superiores acharam conveniente que ele permanecesse em Lavrinhas como assistente e professor dos aspirantes. Foi-lhe entregue também o cuidado da enfermaria da casa.

Nas palavras de um seu colega, ele agiu naquele

ano como "verdadeiro filho de Dom Bosco, sempre apreciado por todos, sempre disposto a qualquer sacrifício, abnegado, tudo para todos, não trabalhando para si mas para os outros, sempre alegre e afável".

Um jovem para os jovens

Ao terminar o período do noviciado, o candidato fazia a profissão religiosa por três anos. Findo o triênio, permitia-se, naquele tempo, ao candidato que tivesse 21 anos completos, fazer os votos perpétuos, se os superiores o julgassem digno.

Tendo vontade decidida de ficar para sempre na Congregação, Francisco pediu aos superiores que o admittissem logo aos votos perpétuos. Seu pedido foi aceito. Deu assim um passo definitivo em sua total entrega ao Senhor.

Para lhe proporcionar um clima mais ameno, capaz de beneficiar-lhe a saúde, P. André dell'Oca, inspetor, o destinou para as Escolas Dom Bosco, de Cachoeira do Campo.

Dedicou-se aí, durante os anos de 1933 e 1934, inteiramente à educação dos jovens, deixando ótima recordação em seus antigos alunos.

Ao seu zelo porém não parecia suficiente o que fazia. Bastou uma meia palavra dos superiores para que se oferecesse para trabalhar, ou melhor, fundar um Oratório Festivo na vila. Ia a pé até lá, todos os domingos, para entreter as crianças com alegres

recreações e ministrar-lhes a catequese. Sabia tornar-se pequeno com os pequeninos para ganhá-los para Deus.

"Quero ser santo!"

No princípio de 1935, terminado o tirocínio prático, Francisco ingressa no estudantado Teológico Pio XI, em São Paulo, disposto a aproveitar o mais que pudesse nos estudos e na união com Deus. Resumia em seu caderninho tudo o que de interessante ouvia nas aulas, palestras e pregações.

Na preparação para as sagradas Ordens, gostava de anotar frases que o ajudavam a preparar-se interiormente para as celebrações.

No início de 1937 renova seu propósito de santificar-se, escrevendo: "21.2.1937 - Visitei hoje pela primeira vez minha irmã Nair (Filha de Maria Auxiliadora). Quantas coisas bonitas me disse... Entre outras coisas esta: **"Francisco, vamos ser santos!"** Sim, meu Deus, **quero ser santo!** Ajudai-me a fazer violência a mim mesmo, a viver vida interior: de fé, oração, sacrifício e união contínua convosco. Ensinai-me a amar ternamente a Maria Santíssima".

Em 12 de março de 1938 recebia o diaconado e, em 8 de dezembro do mesmo ano, chegando ao termo dos estudos teológicos, foi ordenado sacerdote por D. José Gaspar de Affonseca e Silva na catedral provisória de Sta. Ifigênia, em São Paulo. Estava com 27 anos.

Seu estado de saúde inspirava cuidado. Disse porém a um colega: "Peço para ser ordenado mesmo que tenha que morrer logo após".

Durante a longa função litúrgica, doente como estava, sentiu que lhe faltavam as forças. Foi preciso tomar injeção e quebrar o jejum.

No dia seguinte, embora ainda debilitado, celebrou sua primeira missa.

Um dia de paraíso

O Natal de 1938 foi mais festivo que o dos outros anos, em Prudente de Moraes. A alegria se estampava no rosto de todos. Foguetes e bimbalar de sinos anunciavam a primeira Missa cantada de um filho da terra: P. Francisco Gonçalves.

Os fiéis rezavam com o padre novo e o acompanhavam devota e atentamente nas cerimônias da Missa. Ele agora seria um elo, uma ponte entre eles e Deus. Subindo ao altar, levava, juntamente com o seu, o coração de sua querida mãe, dos irmãos, de todos os parentes e amigos, para ofertá-los ao Senhor.

P. Alcides Lana, sempre bom amigo da família, achava-se também presente. Na homilia desta primeira Missa, após ter falado das grandezas do sacerdócio, disse, referindo-se ao "furto" que fizera a Da. Mariquinhas, que havia agido como um "ladrão honesto" pois lhe roubara o filho e, com juro usurários, restituía um ministro do Senhor.

O pão repartido aos pequeninos

Logo que chegou a São João del Rei, após ter passado um ano em Cachoeira do Campo, P. Francisco arregaçou as mangas e pôs-se a trabalhar.

Estamos no início de 1940.

Logo que o Colégio São João (aspirantado) se foi organizando, ele franqueou aos meninos da cidade os pátios, a capela, a casa toda, para que ali se divertissem aos domingos e dias santos, e recebessem instrução religiosa. Era o Oratório Festivo. Como Jesus, ele parecia dizer: "Deixem que os pequeninos venham a mim". E os meninos vinham porque naquele padre transparecia a bondade do Divino Mestre.

De um domingo para outro crescia o número dos frequentadores. Em pouco tempo eram mais de duzentos os que enchiam os pátios, sonorizando o ambiente com suas vozes, correndo e saltando nos diversos esportes.

Era um prazer ouvi-los rezar e cantar. Vinham pessoas de outros bairros da cidade para ouvir as orações e os cânticos que entoavam na capela.

P. Francisco tudo conseguia dos meninos e jovens. Falava-lhes com simplicidade nas homilias e palestras catequéticas, ouvia-os pacientemente nas inúmeras confissões, celebrava para eles a Eucaristia e participava também de seus brinquedos e esportes, driblando-os e chutando a bola, para animar o futebol.

Na hora em que os meninos deixavam os jogos para se dirigirem à catequese, soava ele mesmo um pequeno sino, exigia silêncio e encaminhava cada turma

para a própria sala. Os visitantes se admiravam por ver duzentos meninos, alguns descalços e maltrapilhos, em perfeita disciplina.

Os frutos do Oratório não se fizeram esperar. Os meninos não podiam deixar de se afeiçoar àquele padre. Muitos pais vinham pessoalmente trazer ao P. Francisco os agradecimentos pelos progressos notados nos filhos.

O bem tende a crescer

1941. Na visita que fez ao Colégio São João, dirigido pelo P. Francisco, o inspetor P. Orlando Chaves ficou deveras entusiasmado ao ver seus progressos, o aumento do número de aspirantes e a boa disposição dos cooperadores e benfeitores em ajudar e sustentar a obra salesiana.

Surgiu então a idéia de uma nova construção, na colina, ao lado da matriz de S. João Bosco.

Em novembro de 1941 foi colocada a primeira pedra e já no ano seguinte a construção crescia a olhos vistos.

O novo edifício era de três andares e já podia ser inaugurado em 8 de agosto de 1943.

No início desse mesmo ano foi entregue aos salesianos de São João del Rei a Escola Agrícola Padre Sacramento, para a educação de meninos órfãos e pobres.

Uma cabeça pequena em que cabe tudo

Numa carta de 18 de abril de 1945, P. Francisco escrevia a um salesiano:

"Já iniciamos também a construção de dois pavilhões (capela e dormitório) na Escola P. Sacramento, para receber mais 50 meninos pobres desta cidade. Viva a Providência!"

"Já começamos também a construção de um pavilhão anexo à chácara São Caetano para abrimos lá um novo Oratório Festivo. Viva a Providência!"

Ele estava certo de que suas iniciativas eram queridas por Deus e que seus passos não eram dados ao acaso. Sabia estar pisando num terreno firme e que caminhava por onde o Espírito do Senhor o guiava.

P. Fernando Enning, que por alguns anos trabalhou a seu lado como ecônomo, pôde testemunhar: "À proporção que aumentavam os alunos internos, aumentavam as despesas, porque eram alunos gratuitos. Mas, na mesma medida, aumentavam os benfeitores. Tudo providencial, milagrosamente. Durante anos a caixa da casa sempre teve o suficiente para saldar os gastos. O necessário nunca faltou."

Com os trabalhos da construção do novo pavilhão para aulas e estudo, P. Francisco ficou bastante sobrecarregado. Numa carta que escreveu ao P. Inspetor, explica a situação:

"Procurarei não prejudicar, quanto possível, a parte espiritual e moral do aspirantado, por causa da construção. Procurarei, se puder, colocar, de um lado da cabeça, os salesianos, aspirantes, conferências,

palestras, colóquios formativos, etc.; e do outro lado: ferro, cimento, cal, tijolos, pedras, vidros, tintas, madeira, boi, vacas etc..."

O imenso rebanho de um pastor zeloso

Já algum tempo desejava o arcebispo de Mariana, D. Helvécio Gomes de Oliveira, entregar aos salesianos os cuidados da Paróquia de São João Bosco. O projeto concretizou-se em 19 de março de 1946, ano em que P. Francisco juntou ao cargo de Diretor do Aspirantado o de Pároco.

Tinha então a paróquia de São João Bosco cerca de 10 mil habitantes e 10 capelas filiais. Era um campo vastíssimo que se abria ao zelo sacerdotal de P. Francisco. Aquele padre que ontem chegava à cidade, tímido, sem conhecer ninguém, e que foi morar numa casa pobre, acanhada, para cuidar de apenas 40 meninos, tem agora, a seus cuidados pastorais, 230 aspirantes, 500 oratorianos, 10 mil paroquianos.

Foi um crescimento admirável em que se torna patente o zelo de um pastor impulsionado pelo Espírito de Deus.

Em apenas seis anos a obra salesiana em São João del Rei desdobrou-se em cinco grandes centros: o Colégio São João, dois Oratórios Festivos, uma Escola Agrícola e, agora, a Paróquia.

P. Francisco foi recebido cordialmente pelos paroquianos. Já o conheciam através de suas

homilias, palestras, do auxílio que prestava nas confissões dos fiéis, e do que vinha realizando nos Oratórios e no Colégio.

De sua parte, o novo pároco não podia ter melhor impressão de seus paroquianos, cuja religiosidade lhe era bem conhecida.

"Obrigado, seu vigário. Eu fico"

Diante dos doentes, idosos e pobres, P. Francisco parecia esquecer suas preocupações, lutas e canseiras para pensar só no necessitado; para tornar seus os sofrimentos deles.

Havia ao lado da matriz provisória um albergue de idosos, aos cuidados das Irmãs Carmelitas. Todos eles sabiam que no P. Francisco tinham um amigo e conselheiro.

Um salesiano que, certa vez, conversava com ele em seu escritório, descreveu esta cena:

"Eu estava sentado diante do padre que me ouvia pacientemente. Sobre sua mesa de trabalho, vários papéis e cartas para responder. No momento em que o pedreiro chegava à janela para lhe perguntar alguma coisa sobre areia e cal, toca o telefone: era uma senhora que desejava matricular o filho no colégio. No mesmo instante chega à porta um idoso do albergue. Eu quis então sair para deixar os dois à vontade, mas o padre, com um gesto, mandou-me ficar.

"Logo que desligou o telefone e atendeu ao

pedreiro, o padre afavelmente voltou-se ao idoso para escutá-lo. O coitado, um tanto revoltado, desabafou-se com P. Francisco, dizendo-lhe afinal que não ficaria mais no albergue. Iria embora no dia seguinte. O padre silenciou por alguns instantes, dando-lhe, em seguida, alguns conselhos com a mesma bondade que usava com os salesianos e alunos. Disse-lhe que tivesse paciência pois, abandonando o albergue, idoso e doente, sem dinheiro e sem parentes, iria sobrer muito mais.

"Quando o padre acabou de falar, vi que desciam lágrimas pela face do ancião. Com voz trêmula, mas confiante, apresentou sua decisão: "Obrigado, seu vigário; eu vou ficar". Pediu-lhe a bênção e partiu, enxugando as lágrimas. O padre sorriu para mim e disse: vamos continuar nossa conversa?"

Felicidade de ser padre

Durante o tempo pascal P. Francisco se empenhava em atender a todos os pedidos dos doentes para Confissão e Comunhão. Tinha uma lista com nome e endereço de todos.

Os alunos mais crescidos que o acompanhavam nestas visitas o ouviam dizer, de volta à casa. "Vejam como é bonita a missão do padre: levar o perdão e o alimento da Eucaristia aos que sofrem". Os jovens percebiam nele a felicidade de ser padre, de exercer o ministério sacerdotal. E nada pode contribuir mais para despertar vocações que um padre feliz com o seu sacerdócio.

Era muito procurado no confessionário onde ficava horas e horas a ouvir os penitentes, homens e mulheres, aos quais sabia dar a orientação segura e transmitir muita paz.

Para que os paroquianos compreendessem mais profundamente o sacramento da Eucaristia, mandou imprimir o folheto "Maravilhoso valor da Santa Missa", que distribuía em grande quantidade.

Pobre, de espírito e de fato

Conforme consta do seu caderno de anotações, P. Francisco tinha por norma: "não revoltar-se, antes alegrar-se se, alguma vez, faltar o necessário; conservar o coração desapegado de todos os bens e comodidades terrenas".

Em seus primeiros anos em São João del Rei, nunca se queixou da casa sem conforto, do quarto tão acanhado e das dificuldades por que passou. Mostrava-se, ao contrário, sempre serenamente alegre e repetia, muitas vezes, que aquela situação, "além de ser poética, lembrava o início da obra de Dom Bosco em Valdocco, onde também faltava tudo".

Quando começou a reunir os primeiros alunos, em 1940, não havia água encanada. Para lavar o rosto de manhã era preciso usar água do córrego e servir-se de uma pequena bacia. Era com alegria que P. Francisco, como os meninos, se servia desse meio.

Seu quarto foi sempre pobre e simples, sem adorno,

sem inutilidades. Se por acaso recebia algum presente vistoso, reservava-o para oferecer, como agradecimento, a algum benfeitor. Seu agasalho, no inverno, era uma capa de soldado. Ganhou-a de um militar e mandou tingí-la de preto.

Embora não tivesse saúde, não aceitava tratamento especial nas refeições. Se alguma vez concordou, foi por rigorosa prescrição médica e pela insistência dos salesianos da comunidade e de sua mãe que, durante algum tempo, dirigiu a cozinha do colégio.

Trabalho e mortificação

Não fosse sua vida de união com Deus, como também o espírito de sacrifício e a piedade firme a se consubstanciar com as células mais íntimas do seu ser, seria impossível que ele, tão franzino, com tão pouca saúde, pudesse suportar o intenso trabalho que desenvolvia.

Era levado a pensar dia e noite em suas tarefas e nos problemas que estas acarretavam. Apesar de ter bons ajudantes e neles confiar, sua presença era exigida em vários ambientes: no colégio, na escola agrícola, nos oratórios, na paróquia, nas construções.

Sacrificava boa parte do repouso noturno, trabalhando até tarde, e, durante o dia, via-se muitas vezes obrigado a sair do refeitório logo depois do almoço e do jantar, para ir ao escritório responder cartas ou atender alguém. Alguma vez parecia

abatido pelo cansaço, mas não se queixava e até sorria para tirar a impressão.

Mortificações e penitências, além das ordinárias, ele as fazia discretamente, sem que os outros notassem. Desde o noviciado havia se exercitado em fazer pequenas mortificações, de preferência aquelas que o ajudassem a vencer o amor próprio, visando com isso, ter condições para dedicar-se mais a Deus e ao próximo.

Embora depois de sua morte alguém tivesse encontrado um cilício no armário de seu quarto, ele, como Dom Bosco, não recomendava a seus dirigidos que se entregassem a penitências corporais extraordinárias. E ensinava: "nossa penitência há de ser o cumprimento exato dos deveres, a boa disposição para suportar o frio, o calor, a sede, a fome, sempre que for preciso".

Tal como as flores num buquê

Alguns santos se distinguem nesta ou naquela virtude. P. Francisco se distinguiu no equilíbrio admirável de todas elas.

"O que constitui a santidade - diz Petitot - é precisamente o conjunto harmonioso de virtudes e dons, emanados da caridade como do seu centro".

Naquele padre que centralizava sua vida no amor a Deus e ao próximo, as virtudes aparentemente opostas caminhavam sempre duas a duas.

À **austeridade** com que dominava a si próprio,

ele unia uma **alegria** salesiana, simples e sincera, com um sorriso sempre pronto a lhe aflorar nos lábios.

À **piedade** sólida e firme, uma **desenvoltura** espontânea, própria de um filho que confia no pai a quem muito ama.

Ao lado da **exatidão** com que cumpria à risca os deveres, colocava a **liberdade de espírito** de quem não se prende por escrúpulos ou ninharias.

Laborioso ao excesso, mas **desprendido**. Tudo para os outros, nada para si.

Sua **castidade** tão visivelmente mortificada andava de par com uma **sociabilidade** que a todos atraía.

Tinha a **simplicidade** de uma criança, fazendo-se pequeno com os pequeninos, mas, ao mesmo tempo, a **prudência** dos anciãos e dos sábios, dos que são feitos para dirigir.

Humilde, gostava de que o esquecessem, mas **magnânimo** em obras grandiosas para a glória de Deus.

Brincalhão e provocador de hilaridade, entretanto, **heróico** a ponto de gastar sua vida pelo bem do próximo.

Era tão **pobre** que nada tinha para si, no entanto, sempre **caritativo**, dedicando-se particularmente aos mais necessitados.

Temperante e mortificado em tudo, mas **discreto**, sem extravagância ou esquisitice.

Era **modesto**, não gostava de aplausos, mas **empreendedor** de grandes obras quando haviam de contribuir para a caminhada da Igreja.

À **doçura** maternal com que tratava as pessoas, juntava a **firmeza** do pai intransigente quando se trata de afastar o mal.

Era **franco** no agir e no falar, mas **respeitoso**, media bem as palavras para a ninguém ofender.

Nesse equilíbrio estável e harmonioso de virtudes aparentemente antinômicas parece consistir a espiritualidade salesiana vivida por P. Francisco.

Não é exagerado dizer que ele, para agradar a Deus, procurou reunir as virtudes como se entrelaçam as flores num buquê.

"Cantem para o Senhor Deus um canto novo, pois Ele fez maravilhas" (Sl 98,1).

Era fácil perceber que aquele padre gostava de rezar. Bastava olhar para ele, particularmente na igreja, para se perceber que, quando rezava, se sentia na presença de Deus, em colóquio com Ele. Os jovens eram levados a imitar seu modo simples de orar.

P. Francisco ressaltava a importância das funções litúrgicas, explicava seu significado e as executava devotamente, com naturalidade. Insistia em que todos rezassem e cantassem como expressão de louvor a Deus.

As vozes dos alunos e oratorianos exerciam grande atrativo sobre ele. Gostava de cantar com eles na capela. Interessava-se muito para que as festas litúrgicas se celebrassem com o maior brilho possível.

Quando falava de Maria deixava transparecer seu grande amor à Virgem Mãe, e insistia para que o mês de maio e as festas de Nossa Senhora se celebrassem com fervor e alegria.

Educar na alegria

Não se pode negar que sua característica de educador consistia na harmonia com que sabia entrelaçar **bondade e firmeza** Agia com a resistência de um diamante e a ternura de uma mãe.

Deus o dotou com estes dotes de educador. Como Dom Bosco, foi no regaço materno que ele recebeu as primeiras lições de pedagogia. Cresceu na escola severa e terna de uma virtuosa mãe, robustecido principalmente na vontade, habituado ao trabalho e ao sacrifício.

Jovem ainda, põe-se em contato com os salesianos e, observador como era, vai aprendendo novas normas pedagógicas com o exemplo deles. As aulas de Pedagogia que o mestre lhe ministrara no noviciado põem em ordem o que já havia aprendido pela experiência, ilustram seus conhecimentos e reforçam suas convicções.

Como assistente dos alunos e como conselheiro escolar em Cachoeira do Campo, alcançou ótimos resultados em sua prática educativa. Como diretor em São João del Rei e, mais tarde, como pároco, seus dotes de educador serão realçados ainda mais. É aí que vamos encontrá-lo na plena exuberância de um perfeito educador-pastor salesiano.

Sua firmeza não era rigor, dureza, inflexibilidade, mas uma força de ânimo orientada pela razão, para encaminhar jovens e adultos pela senda do bem. Era uma firmeza saturada de bondade que inspirava respeito e seriedade.

Sua bondade e mansidão nada tinham de artificioso. Era uma demonstração simples e espontânea do que

trazia no coração. Sua afetividade se exprimia através de um sorriso, um olhar compreensivo, uma palavra amiga. Tudo isso, desinteressadamente, visando unicamente fazer o bem a todos.

Não gostava de ser temido. E não havia quem pudesse temê-lo pois todos percebiam que nele, mesmo quando reprendia, só havia bondade.

Uma bola em troca da catequese

P. Francisco não perdia ocasião para despertar interesse pela catequese. Viajando certa vez com um grupo de alunos, parou na estação de Aureliano Mourão. Alguns meninos do lugar se aproximaram. Ficaram admirados por verem um padre cercado de jovens. P. Francisco perguntou-lhes:

- Vocês gostam de jogar bola?
- Gostamos, mas não temos bola. O senhor não pode dar algum dinheiro pra a gente comprar uma?
- Só com uma condição.
- Qual?
- Que vocês não deixem de ir ao catecismo nos domingos.

Os garotos se entreolharam silenciosos. Depois responderam em coro:

- A gente promete!

O dinheiro foi dado e novos amigos conquistados.

Foi seu zelo pela catequese que o levou a fundar e organizar os três Oratórios Festivos de São João del Rei. O último deles, o de Santa Teresinha, inaugurado poucos dias antes de sua morte, foi objeto de suas

atenções nos últimos meses de vida.

Sabia entusiasmar meninos e jovens para participar nos Certames de Catecismo. Exigia que as provas finais se realizassem com certa solenidade, com música, declamação e prêmios aos vencedores.

Para os certames dos meninos do Oratório, ia pessoalmente aos Grupos Escolares convidar os meninos para concorrerem, não perdendo a oportunidade de falar-lhes da importância de se conhecer a Palavra de Deus através da catequese.

"O semeador saiu a semear..."

Logo que tomou posse da paróquia, em 19 de março de 1946, seu primeiro pensamento, conforme disse aos paroquianos, foi organizar um Centro Catequético, reorganizando e intensificando os sub-centros já existentes (5) e fundando outros (10). Concretizou, em pouco tempo, estes projetos.

No mesmo mês de março reuniu algumas catequistas, traçou os planos de organização do novo centro, encerrando a reunião com estas palavras:

"Que a sementinha hoje lançada se torne uma árvore gigantesca e frondosa, à cuja sombra se venham abrigar e de cujos frutos possam aproveitar todas as crianças da paróquia".

Dentro de pouco tempo a árvore crescia e se agigantava. Não tardaram os mais consoladores frutos. No curto espaço de um ano, sua paróquia já contava com mais de 100 catequistas.

Como bom pastor, P. Francisco percorria a paróquia de um a outro extremo, ensinando, consolando, advertindo. Alguns centros catequéticos ficavam distantes. Para visitá-los, o que fazia com frequência, devia sujeitar-se a longas caminhadas a pé, servindo-se também do cavalo, do trenzinho suburbano, ou da barca para a travessia do rio.

"Fazia tudo isso rindo, brincando - narra uma catequista -, nunca se mostrava cansado ou aborrecido. Sabia lidar com a gente simples do campo que o idolatrava. Muitas vezes era visto rodeado de crianças, distribuindo balas e bons conselhos".

Revelava-se ainda pastor atento e zeloso em suas visitas às escolas da paróquia, onde reunia os professores para encorajá-los em seu trabalho educativo, sem deixar de lembrar-lhes a necessidade do ensino religioso escolar.

As professoras testemunham que ele "acompanhava de perto a formação religiosa dos alunos, chegando a enviar semanalmente às professoras Planos de Aula, ou melhor, verdadeiras lições escritas, deixando-lhes apenas o trabalho de explicá-las aos alunos".

Sua dedicação constante à catequese, que ele dizia ser "a obra mais importante da paróquia", não impedia entretanto que se entregasse com igual zelo aos vários movimentos e associações que então existiam.

"Viver é trabalhar"

Era difícil compreender como aquele padre franzino,

de saúde precária, desse conta de tanto trabalho.

Parecia ser seu desejo **morrer trabalhando**. Disse certa vez que gostaria que em nossa casa se escrevesse o que se encontra na fachada da residência de St^a Joana d'Arc: **viva o trabalho!**

Para ele os principais títulos de nobreza de um religioso deviam ser: pobreza, recolhimento e trabalho. Lembrava muitas vezes o que dissera Dom Bosco: "trabalho e temperança farão florescer a Congregação Salesiana". Sua laboriosidade parecia impulsionada por estas outras palavras do Santo Fundador: "Quando se disser que um salesiano morreu no trabalho, então se poderá dizer que a Congregação conseguiu um grande triunfo".

Ele recomendava aos irmãos da comunidade que não trabalhassem demais. Quem entretanto o conhecia, tinha a impressão de que ele, fiel aos ensinamentos de Dom Bosco, viera à Congregação só para trabalhar... que só pretendia descansar no Paraíso... que considerava um lucro perder a saúde no trabalho... que achava melhor morrer cedo por causa do trabalho e que se sentiria feliz se viesse a morrer por tão grande causa.

Numa reunião de comunidade deixou estes pensamentos: "Trabalho e oração são uma só coisa. O trabalho é oração, e a oração é trabalho. O trabalho de nada vale para a eternidade se não estiver unido à oração. E esta, para que seja aceita por Deus, exige o exercício de todas as faculdades. Trabalho e oração são inseparáveis e devem caminhar de mãos dadas na vida ordinária".

A história de sua vida é a história de seu trabalho. Para ele, viver significava trabalhar.

Do P. Francisco se pode fazer o elogio que fez de Dom Bosco o P. Caviglia: "Não é exagero dizer que este homem não conheceu outro repouso a não ser o da tumba".

Um véu de tristeza

Final de fevereiro de 1947. P. Francisco foi chamado a Ponte Nova para assistir a mãe enferma. Transportaram-na para um hospital de Belo Horizonte aonde o bom filho a acompanhou.

Alguns dias depois voltaram a Ponte Nova onde D^a Mariquinhas veio a falecer no dia 9 de março.

Não é preciso dizer quanto devem ter sofrido. P. Francisco, sua irmã Nair e os irmãos.

Os salesianos de São João del Rei nunca se esqueceriam de D^a Mariquinhas, de sua dedicação no tempo que lá esteve ajudando P. Francisco a cuidar da casa e dos alunos. Ela fazia pensar em Margarida, a boa mãe de Dom Bosco, que em Valdocco ajudou o filho a cuidar dos jovens pobres de Turim.

Uma cruz carregada com amor

De 3 para 4 de fevereiro de 1947 P. Francisco escrevia ao Inspetor, P. Orlando Chaves.

"Precisaria escrever-lhe hoje uma longa carta mas

já são altas horas da noite ou da madrugada... por isso limito-me a escrever-lhe estas duas linhas a fim de pedir-lhe respeitosamente, porém insistentemente uma providência, com a possível urgência, para a situação do diretor do Ginásio São João pois, em consciência, devo dizer-lhe que não dou conta mais de todas as minhas atribuições na situação em que me acho e nas condições em que nos encontramos. Situação essa que se resolveria logo, satisfatória e perfeitamente, com a designação do diretor. Esperando ser atendido, peço-lhe a bênção. P. Francisco".

Vê-se, por estas palavras, que estava sobrecarregado. A cruz lhe pesava. Acabrunhava-o ainda mais o receio de não estar cuidando devidamente dos aspirantes e dos paroquianos.

Seu pedido entretanto não pôde ser atendido. Ele devia continuar a caminhada sob o peso da cruz que, sem dúvida, carregava com amor. Para aliviá-lo, ao menos em parte, o Inspetor, naquele ano, destinou mais salesianos para a casa de São João del Rei. Eram oito padres, cinco clérigos e oito irmãos coadjutores, alguns ainda em formação.

"Senhor, se quereis a minha vida, aqui estou!"

Maio de 1947.

Quinze padres redentoristas pregaram as Santas Missões em todas as igrejas e capelas de São João

del Rei. Eram grandemente consoladores os frutos de conversão e fervor naquele mês de Maria.

P. Francisco tanto se entusiasmou e em tanto zelo se desdobrou que, nos últimos dias das Missões, impressionava a todos pelo seu visível abatimento.

Convidado para dizer algumas palavras após a procissão de encerramento, contou o fato do servo de Deus P. Luiz Mertens, da Bélgica, que ofereceu sua vida a Deus por seus paroquianos, vindo a morrer pouco tempo depois. E prosseguiu: "Senhor, se quereis a oferta de minha vida para perpetuar os frutos das Santas Missões nesta cidade, pela perseverança dos bons e pela conversão dos pecadores, aqui me tendes".

Os ouvintes se surpreenderam com esta oferta tão generosa quanto corajosa. Os missionários redentoristas - dentre os quais se encontrava aquele que seria o bispo D. José Gonçalves da Costa (hoje arcebispo emérito de Niterói) - ficaram vivamente impressionados.

A oferta estava feita. O senhor a aceitaria?

"Adeus, querida irmã"

Organizou naqueles dias um regulamento de vida no qual consta um horário para cada atividade diária. Refere-se a isto numa carta à irmã.

"27.6.1947. Querida Irmã Nair, viva Jesus Eucarístico!

"Desejo que esteja muito bem de saúde, muito alegre e muito fervorosa nesse belo mês do Coração de Jesus.

"Fiz agora o meu horário e estou seguindo à risca. Nesse horário há uma hora fixa diária para correspondência. Assim sendo, espero não deixar mais Irmã Nair muito tempo sem notícias do padre, o qual sugere à Irmã que faça também o seu horário para não deixar o padre muito tempo sem suas notícias. Eu vou indo muito bem de verdade. Há muito não passo tão bem de saúde como agora. Quanto ao trabalho também estou mais aliviado pois temos mais auxiliares neste ano... Espiritualmente também não estou pior, creia. Estou procurando mesmo me converter de fato e ficar "bonzinho de verdade".

Depois de dar notícias da inauguração do Santuário, termina sua carta com este pensamento:

"Adeus, querida Irmã. Continue a rezar muito pelo seu padre. Santifiquemo-nos para santificar aqueles que Nosso Senhor nos confiou. Somente quem é santo pode santificar, ou melhor, cooperar pela santificação dos outros. Um afetuoso abraço, do seu P. Francisco".

"Estou satisfeito; posso morrer"

Depois da oferta que fizera no encerramento das Missões, muitas pessoas notaram nele um particular desprendimento. Era-lhe frequente o pensamento da morte. Tinha-se a impressão de que pressentia a próxima partida para o Pai. Dissera a um salesiano: "desejava ser padre; já o sou, estou satisfeito e posso morrer".

Este pensamento parece que se foi tornando mais constante. Após a inauguração do Santuário, motivo de grande júbilo, ele, como quem vai viajar ou mudar de casa, fez uma limpeza geral em suas gavetas e armários, rasgando papéis que julgava inúteis e pondo tudo em ordem.

13.7.1947, domingo, dez dias antes de sua morte. Compareceu na reunião da Congregação Mariana da paróquia. Na ocasião, ensinou os congregados a rezarem o salmo **De profundis** (do ofício litúrgico dos mortos), salientando a necessidade de sufrágio para os falecidos. Disse-lhes: "Estou lhes ensinando e quem sabe se vocês não o rezarão em breve para mim?...". Após esta reunião, dispôs-se de boa vontade a ser fotografado (o que sempre evitava) com os congregados, dizendo-lhes: "É preciso ficar meu retrato entre vocês, como uma lembrança".

Só ele compreendia o sentido destas palavras. Os outros pensavam que estivesse brincando. É verdade que o viam mais magro, cansado e abatido, mas isto não era novidade; era, quase sempre, seu estado normal.

Suas atividades pastorais continuavam no mesmo ritmo. Naqueles dias fundou outro sub-centro catequético numa Colônia vizinha. Atravessou o rio de barco e lá, sempre esperançoso, lançou mais uma semente.

Doença inesperada

15.7.1947. Às 20:00h P. Francisco chama o

enfermeiro do colégio. Pede que lhe prepare uma injeção anti-gripal. Deseja água morta para banhar os pés que estavam frios. Não passou bem os dias 16 e 17.

18.7.1947. Mancava de uma perna enquanto caminhava pelo pórtico. Brincou com alguns, dizendo que estava ficando velho. Trabalhou o dia todo, ora no colégio, ora na paróquia, ou no oratório onde passou a maior parte do dia auxiliando na construção de gangorras, campos de volei e outros jogos que as crianças estreariam no dia seguinte.

Manhã de 19. Tentou levantar-se da cama mas não conseguiu caminhar. Sente dificuldade em mover-se. Vem o médico, Dr. Ivan de Andrade Reis. À primeira vista o diagnóstico pende para polinevrite, doença de que morrera sua mãe. O doente, tranquilo, passa o dia um pouco na cama, um pouco na cadeira de braços. Consegue alimentar-se mas não pode ele mesmo levar o alimento à boca.

Aproveitou quase todo o dia para rezar e meditar, servindo-se do livro "Meditações sacerdotais", lido por seu acompanhante.

"Que se faça a vontade do Senhor"

O quarto do doente, cheio de brinquedos que havia adquirido para as crianças do Catecismo, parecia um bazar. Constituiriam a alegria dos meninos e meninas no dia seguinte, domingo. Quase imóvel, na cama, o padre queria ouvir do quarto a algazarra das crianças.

Neste mesmo dia 19 de julho ditou algumas cartas, entre as quais uma que mandou à coordenadora da catequese paroquial, acompanhada dos brinquedos para as crianças. Dá-lhe várias recomendações sobre o uso de brinquedos e outros apetrechos, e termina com estas palavras: "Reze por mim, somente com esta intenção: que se faça em tudo e sempre a santa e adorável vontade de Nosso Senhor".

Na tarde deste mesmo dia começou a sentir a cabeça um pouco pesada e voltou para a cama. Foi chamado novamente o médico. A doença apresentava novo aspecto que tendia a modificar o diagnóstico para mielite. Outros médicos foram convocados para uma reunião.

Às 20:30 os progressos da moléstia eram tão rápidos que os médicos deixaram entrever a possibilidade de um desenlace iminente. Diante disso, os sacerdotes da comunidade pensaram em oferecer ao querido doente o Sacramento dos Enfermos que ele aceitou com inteira tranquilidade.

Os médicos providenciaram um balão de oxigênio e, por telefone, chamaram de Belo Horizonte um especialista em neurologia.

20.7.1947, domingo. Era o dia que ele aguardava ansioso para poder entreter-se com as crianças do Oratório Festivo e do Centro de Catequese, nos pátios que circundam a matriz. De madrugada o enfermo parecia mais sossegado, embora a respiração continuasse penosa.

Mutirão de orações

Seu estado de saúde foi comunicado aos paroquianos nas missas daquele domingo, 20 de julho de 1947.

Foi então uma multidão de corações que se elevou a Deus para pedir a saúde do estimado padre. Eram preces sinceras, fervorosas por aquele que se fizera o pai, o amigo, o irmão de todos.

A notícia, em pouco tempo, percorreu a cidade e entrou na casa de todos, ricos e pobres. A portaria do colégio encheu-se de pessoas amigas. A afluência durou todo o tempo da moléstia.

Às 11 horas chega de avião, de Belo Horizonte, o Dr. Nagil Abdo. O exame minucioso e prolongado diagnosticou mielite; ainda incerto se difusa ou ascendente. Para identificar a causa da moléstia, o médico fez, com autorização do enfermo, uma punção para extração do líquido raquidiano, operação que ele suportou pacientemente.

Seu tormento maior era a respiração que se ia tornando cada vez mais penosa. A paralisia tomara o diafragma e começava a atingir os intercostais.

As pessoas que vinham visitá-lo diziam que estavam rezando por sua melhora. Ele respondia: "Vocês estão querendo tomar meu passaporte... Talvez em outra ocasião eu não esteja tão bem preparado para morrer..."

Últimas lembranças

21.7.47. Pela manhã ele pediu que lhe trouxessem

Jesus eucarístico. Recebeu-o devoto, resignado. Seu semblante tranquilo era o de quem está preparado para a partida.

Foi um dia inteiro de sofrimento. De vez em quando ele voltava a olhar para o crucifixo que fora colocado à sua frente.

Pelas 16 horas, em plena lucidez, fez chamar o P. José Vieira de Vasconcellos, que viria a ser seu sucessor na direção do Aspirantado. Tendo feito sair todas as pessoas do quarto, disse-lhe estas textuais palavras, interrompidas muitas vezes pela comoção e pela dificuldade da respiração:

"Se Deus me levar consigo, ofereço minha vida pela nossa Congregação, pela nossa Inspetoria, pela perseverança e santificação dos salesianos, pela obra das vocações salesianas.

"Quero pedir perdão aos meus irmãos, aos aspirantes e às pessoas com quem tratei, das minhas faltas e dos sofrimentos causados por mim. Diga-lhes que os amo muito.

"No céu, se Deus me conceder esta graça, hei de me lembrar de todos os salesianos, aspirantes, paroquianos, dos queridos benfeitores de nossa Casa e das nossas obras."

De sua parte P. Vasconcellos pediu igualmente perdão das faltas suas e dos irmãos da comunidade, assegurou-lhe da estima e das orações que todos elevavam a Deus pelo seu restabelecimento.

O começo do fim

O enfermo passou toda a noite de 21 para 22

entre alternativas de lucidez e pesadelos, que lhe impediam o sono. A respiração, cada vez mais penosa.

Na manhã do dia 22 chegaram para visitá-lo P. Alcides Lana, seu irmão José e a Irmã Nair. Ainda uma vez Jesus eucarístico veio confortá-lo espiritualmente, enchendo-lhe o coração de amor e avivando-lhe a fé e a esperança. Dentro em pouco haverá entre os dois um encontro muito mais íntimo e definitivo, para sempre. Não haverá mais o véu das espécies eucarísticas. A visão será plena.

Pelas 9 horas chegou de São Paulo o P. João Resende que substituíra o Inspetor ausente. Procurando confortar o doente, disse-lhe, brincando, que ele havia sido desobediente, oferecendo sua vida ao Senhor. P. Francisco porém não voltou atrás em seu propósito.

Não conseguiu dormir na noite de 22 para 23. Embora tivesse tido alguns momentos tranquilos e até chegasse a dizer que se sentia melhor.

Passou todo o dia 23 meio esperançoso e, no início da noite, conseguia responder com lucidez as perguntas do médico.

Mas às 20:50 pareceu cair, de súbito, em estado de coma.

Parte para o Pai

Rodeado pelos salesianos da comunidade, seus irmãos, amigos mais íntimos e os médicos, ele não dava sinal de sofrimento. Imóvel, a cabeça um pouco

voltada para o lado direito, a aparência era de quem se entregava finalmente, docilmente aos braços do Pai.

Enquanto os circunstantes rezavam, sua respiração foi se enfraquecendo pouco a pouco. Esfriou-se o corpo e, às 21:50, sem um estertor, sem um gemido, despreendeu-se de sua alma. Foi tão suave o traspasse que, para verificá-lo, foi preciso que os médicos auscultassem atentamente o coração.

Foi assim que ele partiu para o Pai; para Aquele a quem sempre amou e serviu na terra; para Aquele por quem se sacrificou em seus empreendimentos pastorais; Aquele a quem ofertou sua vida pela salvação do próximo.

Um herói que tomba no trabalho

Seu enterro, na manhã do dia 24 de julho de 1947, foi um préstito triunfal. Pode-se dizer que dele participou a cidade inteira.

No dia seguinte o "Diário do Comércio", de São João del Rei, interpretando a voz do povo da cidade, dentre outras coisas, dizia dele:

"Risonho, sim! Para todos um sorriso. Para todos a encantadora bondade de seu coração a aflorar nos seus sorrisos e a desabrochar em seus atos unguídos de caridade.

"Alegre... Alegria contagiante, alegria em tudo símbolo da paz e de seu espírito.

"Trabalhador... O trabalho era o seu grande amigo.

Foi ele um homem de trabalho intenso. São João del Rei assistiu sempre esta extraordinária transformação de sua gente, em especial de sua juventude.

"Amigo de todos... Quem não o conhece através de inúmeros benefícios que sempre prodigalizou? São tantos. São João del Rei toda deve, a este padre, grande parte de sua elevação espiritual e moral.

"Não será preciso dizer que foi piedoso e virtuoso, pois se o edifício de suas obras é tão grande e magnífico é porque se assentaram em bases firmes e mais extraordinárias - as virtudes".

Dom Orlando Chaves, que foi bispo de Corumbá e mais tarde arcebispo de Cuiabá, era, na época, inspetor salesiano e se encontrava na Itália. De Turim, com data de 15 de setembro de 1947, escreveu a "carta mortuária" do P. Francisco, comunicando sua morte aos salesianos de todos os Continentes. Lê-se num trecho desta carta:

"Dele se pode dizer com muita verdade aquelas palavras tantas vezes recordadas: 'Amadurecido em pouco tempo, atingiu a plenitude de uma vida longa' (Sab 4, 13). Com efeito, na jovem idade de 36 anos e no breve tempo de 9 anos de sacerdócio, deixou um considerável número de grandes e benéficas obras".

Após enumerar as realizações do P. Francisco, o superior conclui sua carta com estas palavras:

"É um herói que tomba no trabalho. Este é o nosso maior conforto".

* * * * *

DO MESMO AUTOR

- **O oratoriano: com Deus, com o próximo, consigo mesmo**, L.S.E., São Paulo, 1950.
- **Amor, alegria, sacrifício**, Ed. Leituras Católicas, Belo Horizonte, 1951.
- **Padre Francisco Gonçalves - Em busca do ideal**, Ed. Leituras Católicas de Niterói, 1960.
- **Padre Francisco Gonçalves - Garimpeiro de almas**, Ed. Leituras Católicas, Niterói, 1960.
- **Padre Francisco Gonçalves - O amigo de Deus**, Ed. Leituras Católicas, Niterói, 1960.
- **Ritmos populares (álbum musical)**, ed. part. Barbacena, 1961.
- **Ritmos da juventude (álbum musical)**, Ed. Irmãos Vitale, São Paulo, 1964.
- **Sons da terra (álbum musical)**, Ed. Salesiana, São Paulo, 1978.
- **A catequese à luz do Sínodo-77** (co-autor), Ed. Salesiana, São Paulo, 1978.
- **O movimento catequético no Brasil**, Ed. Salesiana, São Paulo, 1980.
- **Batismo, inserção em Cristo e na Igreja** (co-autor), Ed. Salesiana, São Paulo, 1982.
- **Crisma e missão profética** (co-autor), Ed. Salesiana, São Paulo, 1982.
- **Feliz Páscoa** (co-autor), Ed. Salesiana, São Paulo, 1982.
- **Vocação, sacramento da ordem e mistérios** (co-autor), Ed. Salesiana, São Paulo, 1983.
- **Matrimônio e Família** (co-autor), Ed. Salesiana, 1983.

- **Palavras de Cristo na cruz**, Ed. Salesiana, São Paulo, 1984.
- **Comunidade e catequese** (co-autor), Ed. Salesiana, São Paulo, 1986.
- **Catequese de adultos e catequese renovada** (co-autor), Ed. Salesiana, São Paulo, 1986.
- **Revelação e catequese** (co-autor), Ed. Salesiana, São Paulo, 1986.
- **O Evangelho em nossa vida** (Ano C), Ed. Salesiana, São Paulo, 1988.
- **O Evangelho em nossa vida** (Ano A), Ed. Salesiana, São Paulo, 1989.
- **O Evangelho em nossa vida** (Ano B), O.P.S.R., Niterói, 1991.
- **O Rosário dia a dia**, S. S. V. P. Juiz de Fora, 1991.
- **Vocabulário de Pastoral Catequética**, Ed. Loyola, São Paulo, 1991.
- **Um herói que tomba no trabalho**, O.P.S.R., Niterói, 1991.
- **Caminho da Cruz - Caminho da Luz**, Ed. Santuário, Aparecida, 1991.

ENDEREÇO DO AUTOR:

**Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa
Praça Dom Bosco, 88 - CEP 36.200 - Cx. Postal 139
Tel. (032) 331-3722
Barbacena - MG**

Senhor, se quereis a oferta de minha vida
para perpetuar os frutos das Santas Missões nesta
cidade, pela perseverança dos bons e pela
conversão dos pecadores, aqui me tendes.

P. Francisco Gonçalves
São João del Rei, maio de 1947.